



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CLEONICE ROSI RAUCH VIEIRA

**INFÂNCIAS POBRES NA ESCOLA: É POSSÍVEL OUVI-LAS? APONTAMENTOS
SOBRE ESTUDOS RECENTES PRODUZIDOS NO PPGE/UFSC**

FLORIANÓPOLIS

Julho 2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLEONICE ROSI RAUCH VIEIRA

**INFÂNCIAS POBRES NA ESCOLA: É POSSÍVEL OUVÍ-LAS? APONTAMENTOS
SOBRE ESTUDOS RECENTES PRODUZIDOS NO PPGE/UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, orientado pela Prof^ª. Dr^ª Angélica Silvana Pereira.

FLORIANÓPOLIS

Julho 2015

Cleonice Rosi Rauch Vieira

**INFÂNCIAS POBRES NA ESCOLA: É POSSÍVEL OUVÍ-LAS? APONTAMENTOS
SOBRE ESTUDOS RECENTES PRODUZIDOS NO PPGE/UFSC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 13 de julho de 2015.

Coordenador/a do Curso de Pedagogia

Profª Dra. Angélica Silvana Pereira (Orientadora)

Banca Avaliadora:

Profª Drª Joana Célia dos Passos (EED/CED)

Prof. Dr. Jéferson Silveira Dantas (EED/CED)

Profª Drª Soraya Franzoni Conde (EED/CED - suplente)

Dedico este trabalho aos meus filhos: Lucas, Samuel e Nicolas pelo carinho e amizade que doaram a mim todos os dias; pela forma como entenderam a minha falta em casa nos momentos de estudo e reconheceram o meu esforço e minha determinação em busca desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus porque colocou em meu coração o desejo de participar da luta pelas crianças, de me fazer conhecer e reconhecer a história daqueles que vêm a longo tempo buscando melhorar a infância no meu país.

À minha mãe Nilse, que sempre acreditou na minha capacidade e reconheceu a importância deste tempo na minha vida, suprindo por várias vezes a minha ausência em casa.

Aos meus mestres da graduação, que foram exemplos para mim, destacando a professora Maria Isabel Serrão que muito me ensinou no período de estágio e, principalmente, me motivou a lutar pelas crianças que foram abandonadas por este modelo de sociedade.

Agradeço em especial a minha orientadora Professora Angélica que tolerou meus erros e com maturidade me permitiu recomeçar, sem mágoas, usando sempre de palavras de motivação para conclusão deste trabalho.

Ao professor Jéferson, à professora Joana e à professora Soraya que aceitaram o convite para participar da avaliação desse estudo.

Às crianças que conheci na escola e na creche durante a formação, que me acolheram com carinho e muitos sorrisos. Elas deixaram no meu coração a sensação de que vale a pena ser professora.

Não posso deixar de citar as amigas especiais que conquistei ao longo dessa formação: a Ili Isabel que foi minha companheira e cúmplice em nossos estágios (sorrímos e choramos juntas); a Ivanilde que me ensinou muito sobre a política desta sociedade e sempre cedeu seu ombro para meus choros; a Lourdes que sempre esteve disposta a me ajudar e compartilhar comigo suas alegrias.

A todos vocês o meu muito obrigado.

Gosto de me assentar aqui onde as crianças brincam, ao lado da parede em ruínas, entre os espinhos e as papoulas vermelhas. Para as crianças eu sou ainda um sábio, e também para os espinhos e para as papoulas vermelhas. (Zarathustra).

VIEIRA, Cleonice Rosi Rauch. **Infâncias pobres na escola: é possível ouvi-las? Apontamentos sobre estudos recentes produzidos no PPGE/UFSC.** Florianópolis, SC, 43 f. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, SC, 2015.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo central conhecer e dar visibilidade para o que dizem os estudos recentes produzidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC) sobre *o ouvir as crianças* pobres que estão nas escolas. Busca-se também conhecer o tratamento dado às categorias pobreza, infância e escola nestes trabalhos e suas formas de articulação e leitura da realidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que considerou as pesquisas de Mestrado e Doutorado desenvolvidas no período de 2000 a 2014 que estavam disponíveis no site do Programa. A busca dos trabalhos foi iniciada utilizando-se os descritores *escola, infância e pobreza*, resultando num primeiro momento em 17 teses e 52 dissertações. Numa segunda filtragem, em que a expressão ‘ouvir as crianças’ foi inserida chegou-se a um número bastante reduzido de trabalhos, restando apenas três. Em seguida foi realizada a leitura dessas três pesquisas, identificando-se em todas elas a articulação escola, infância e pobreza com percursos metodológicos que ouviam as crianças. Os estudos provocam importantes reflexões sobre situações vividas por crianças escolares pobres, demarcando uma posição de escuta a estas crianças como possibilidade de compreender seus modos de vida e suas experiências. Ao final do TCC, pode-se afirmar que as pesquisas contribuem significativamente para repensar sobre qual é o lugar da escola neste contexto e como uma prática educativa que desconsidera a voz dos sujeitos infantis pode ser promovida diante do seu processo de democratização.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; pobreza; infância.

SUMÁRIO

1	UM INÍCIO DE CONVERSA...	09
1.1	Problematização	10
1.2	A criança, sujeito que fala	12
1.3	Sobre a metodologia	13
2	BREVES ANOTAÇÕES SOBRE INFÂNCIAS, ESCOLA E PROBREZA	16
2.1	Pobreza, infâncias e escola	16
3	DAS POSSIBILIDADES DE OUVIR CRIANÇAS POBRES NA ESCOLA..	21
3.1	Trabalho um	22
3.1.1	Ouvindo as crianças e seus entornos	24
3.2	Trabalho dois	27
3.3	Trabalho três	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	41
	APÊNDICES	44

1 UM INÍCIO DE CONVERSA...

Meu interesse pelo ‘tripé’ infância, escola e pobreza não é de hoje. Tem suas origens na infância que eu vivi. Uma infância pobre, marcada pela ausência de adultos para me auxiliar na rotina diária, especialmente àquelas relacionadas à escola. Como observa Larrosa Bondia (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Tomando, portanto, a experiência de Larrosa Bondia enquanto algo que nos *toca*, ressalto que a experiência do estágio¹ realizado no segundo semestre de 2014 afetou-me profundamente e mostrou-me que muitas das dificuldades que enfrentei na minha infância, ainda são vividas por muitas outras crianças.

O que realmente me movia durante os estágios, era deixar-me ser afetada por aquelas crianças, por suas vozes, por suas histórias, pois como traz Larrosa Bondia (2002, p. 27), "a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida". Foi este tempo na escola que me possibilitou incessantes reflexões sobre a minha trajetória de vida e sobre o porquê quero hoje uma formação em Pedagogia.

O estágio foi realizado numa escola que atende crianças da periferia, em sua grande maioria oriundas de famílias pobres. O contato com situações vividas na escola por estas crianças e a minha aproximação com as mesmas, possibilitaram-me o movimento de ouvi-las. Eu gostava de ouvir o que tinham para dizer, gostava de saber questões do cotidiano de suas vidas. Algumas das suas narrativas ativaram as minhas memórias da infância pobre e escolar que vivi.

Minhas lembranças do ingresso à vida escolar na primeira série, pois naquela época a pré-escola era opcional, demarcam o momento em que comecei a conviver como atributo de ‘menina de rua’. Ser ‘menina de rua’ naquele contexto era uma forma de estigma para com a condição pobre da minha família, afinal, significava que além de ser pobre, vivia ‘na rua’.

Era assim que muitos colegas se referiam a mim. Além disso, eu não era uma menina muito querida pelos professores porque não tinha ‘aparência de boneca’. Os cabelos muito curtos para evitar piolhos, o modo de brincar muito parecido com o modo dos meninos, pelo fato de ter tido só irmãos, não agradavam a maioria dos meus professores. Eu me sentia mais acolhida pelas merendeiras, principalmente nas séries iniciais.

Mesmo não agradando, dentro da escola eu encontrava segurança e alimentação por meio da merenda escolar. Vivenciei situações que são típicas de crianças que estão nas camadas pobres da sociedade, que não tem acesso ao que lhe é de direito. Crianças que

¹Refiro-me ao estágio Educação e Infância VIII: Exercício da Docência nos anos Iniciais, realizado no período de 2014/2, sob orientação da prof^a. Maria Isabel Serrão.

experimentam diariamente as marcas da pobreza e os problemas provenientes da má divisão de riquezas deste país, muitas vezes associadas também a outras formas de discriminação, produzidas por diferenças raciais, étnicas, de gênero, de sexualidade, etc.

Olhando hoje para as escolas que frequentei, concordo com o que Dantas (2009, p. 447) enfatiza sobre a escola como um espaço com “práticas pedagógicas desarticuladas do seu entorno social”, pois a escola estava preparada para um padrão determinado de criança, padrão no qual eu não me encaixava.

Minhas roupas não eram apropriadas para as estações do ano. No inverno passava frio e no verão, calor. Eu era a responsável por me vestir para ir para a escola, pois não podia contar com minha mãe, uma mulher que trabalhava muito para sustentar a família. Os professores não poupavam esforços em me expor e por vezes, referiam-se à minha mãe como pouco dedicada.

Não tenho registro em minha memória de que as minhas histórias tenham sido ouvidas na escola, menos ainda meus medos. Diante do que venho expondo, esclareço que a expressão *ouvir as crianças* passou a ser uma categoria de análise e de discussão fundamental deste Trabalho de Conclusão de Curso. Trata-se, portanto, de um trabalho que versará sobre *o ouvir as crianças em contextos escolares de pobreza*.

1.1 Problematização

Quinteiro, (2000, p. 21), em seus estudos sobre a infância observa que “[...] pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças, [...]”. Esta dificuldade se relaciona ao fato de que está presente, ainda, na nossa cultura a ideia de que criança é um futuro adulto, um vir a ser, desconsiderando o sujeito do agora, que faz história.

Segundo minha percepção, *ouvir as crianças* consiste não apenas numa metodologia, mas numa atitude necessária para quem as educa, independente da classe social, gênero, raça/etnia. Meu interesse em tematizar o *ouvir as crianças* pobres na escola não significa que só as crianças pobres precisam ser ouvidas.

Por outro lado, não há como negar que em muitos contextos, inclusive contextos escolares, que poucos se interessam em conhecer as histórias das crianças pobres, que na maioria das vezes são também negras ou carregam consigo outras marcas de exclusão. Minha ênfase, neste texto, será na pobreza, embora eu compactue com a ideia de que é uma categoria

articulada a outras questões, como o pertencimento étnico-racial, por exemplo, conforme as palavras de Gomes: “Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada a exclusão social e a desigualdade socioeconômica que atingem toda a população brasileira e, de um modo particular, o povo negro.” (GOMES, 2012, p. 47).

A pobreza é tomada de tal modo, inclusive em trabalhos acadêmicos, como se ela fosse uma condição social mórbida, sem novidade, reinvenções. Muitas vezes, as narrativas provenientes de contextos de pobreza e que versam sobre ela, são tidas como narrativas que pouco interessam, são monótonas, além de serem utilizadas também para desqualificar as pessoas pobres. Podemos entender que de certa forma, esta lógica é constitutiva de muitas culturas que não costumam ‘dar voz’ aos pobres ou que ‘dão voz’ até certo ponto.

O próprio uso do conceito pobreza em trabalhos acadêmicos² é feito com certo temor e constrangimento, recorrendo-se a diversos ‘eufemismos’ que por vezes são usados para suavizar os tantos significados reunidos na referida expressão. Não raras vezes a palavra pobreza é entendida como se fosse algo desqualificador, pejorativo. Por se tratar de uma palavra cujas possibilidades de compreensão são extremamente complexas, falarei sobre ela no próximo capítulo.

O estudo analisará o tratamento dado ao “*ouvir as crianças* pobres na escola” em pesquisas de Mestrado e Doutorado realizadas de 2000 a 2014 junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, disponíveis no banco de teses e dissertações do Programa. A escolha de lançar meus olhares sobre as produções desta universidade está relacionada com o meu pertencimento institucional e com a minha formação e, principalmente, porque a UFSC é uma das mais importantes instituições de ensino formadoras de professores que atuarão nas escolas locais e em todo o estado.

As questões orientadoras do trabalho são:

a) O que dizem as pesquisas recentes produzidos no PPGE/UFSC sobre a necessidade de *ouvir as crianças* em contextos escolares de pobreza?

b) Qual é o tratamento dado à infância, à escola, à pobreza e ao *ouvir as crianças* nestes estudos?

A pesquisa tem como objetivo:

a) Conhecer e dar visibilidade para o que dizem as pesquisas recentes produzidos na nossa universidade, mais especificamente no PPGE/UFSC, sobre o *ouvir as crianças* pobres que estão nas escolas, geralmente públicas;

² Os trabalhos a que me refiro são os pesquisados no Programa de Pós-graduação em Educação -UFSC

b) Conhecer o tratamento dado às categorias pobreza, infância e escola nestes estudos e suas formas de articulação e leitura da realidade.

Para tal, lançarei mão de ferramentas metodológicas utilizadas em pesquisas bibliográficas, especialmente aquelas que produzem o chamado ‘estado da arte’ de temas diversos.

1.2 A criança, sujeito que fala

Quando cheguei à disciplina Educação e Infância VIII: Exercício da Docência nos Anos Iniciais, meu estágio ocorreu numa escola pública pertencente à rede estadual de ensino, localizada no centro de Florianópolis/SC, que atende as comunidades do Maciço do Morro da Cruz.³

Observei que, comparando com a minha infância, a escola está melhor no que se refere a sua estrutura física, está renovada quanto às práticas docentes e com assuntos mais abrangentes, oportunizando classes e reconhecendo grupos; está melhor e ninguém pode negar a luta histórica pela educação. Tenho consciência de que tudo que se conquistou foi com muita luta da classe, daqueles que se empenham para fazer uma escola melhor.

Mesmo com essa melhora, observei a ausência do *ouvir as crianças* e me intriga pensar como ensinar alguém sem ouvir? Como preparar uma prática docente eficaz sem conhecer a rotina das crianças, o meio que está inserido? Como posso dizer que a criança é um sujeito de direitos, se não as ouço? Como perceber a criança sem deixar que se expressem? Kramer chama a atenção para as seguintes questões:

Como as pessoas percebem as crianças? Qual é o papel social da infância na sociedade atual? Que valor é atribuído à criança por pessoas de diferentes classes e grupos sociais? Qual é o significado de ser criança nas diferentes culturas? Como trabalhar com as crianças de maneira que sejam considerados seu contexto de origem, seu desenvolvimento e o acesso aos conhecimentos, direito social de todos? Como assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade? (KRAMER, 2007, p.14).

³ O Maciço do Morro da Cruz fica localizado na zona central da Ilha de Santa Catarina e é formado por aproximadamente dezesseis comunidades: Mariquinha, Rua Ângelo Laporta, Monte Serrat, Rua José Boiteux, Tico Tico, Rua Laudelina da Cruz, Morro do 25, Vila Santa Vitória, Morro do Horácio, Vila Santa Clara, Morro da Penitenciária, Serrinha, Morro da Queimada e Jagatá, Alto da Caeira, Morro do Céu, Mocotó. De acordo com as análises de Tomás (2012), trata-se de um espaço urbano ‘invisível’ aos olhos da cidade e sua população, apesar de estar situada numa área central, é considerada periférica e vive em condições de precariedade.

No tempo que estive na escola, durante o estágio, me encontrei com as crianças para conversar, especificamente no intervalo do recreio porque na sala não tinha oportunidade. Costumava ficar sentada num banco, no *hall* de entrada da escola e as crianças se juntavam a mim e a minha colega de estágio para falar sobre sua rotina, seus gostos. Não pareciam as mesmas crianças da sala de aula, eram ativas e sorridentes.

Numa das tardes, durante os dias do exercício da docência, uma das meninas que sempre me procurava para conversar, ficou muito triste durante as atividades da sala de aula por não ser acolhida sua sugestão e até chorou, logo eu pensei: “Hoje ela não vai me encontrar para o bate papo, ficou triste comigo”. Para minha surpresa ela estava lá me esperando com a mesma alegria de sempre. Esta situação me fez refletir que a criança pode receber um “não”. O “não” faz parte da vida o que não pode é desconsiderar a capacidade da criança de se expressar.

Numa das tardes observei que algumas crianças, mesmo num dia de muito calor, usavam duas camisetas, uma por cima da outra, e então perguntei para uma das crianças o porquê de duas camisetas, ela me respondeu: “É porque tenho que me arrumar sozinha, minha mãe sai para trabalhar antes de mim, e é obrigatório o uniforme no centro de convivência e na escola, então decidi colocar as duas, assim não esqueço nenhuma”. A decisão desta criança foi muito interessante porque presenciei algumas vezes as crianças sendo criticadas em sala, pelos adultos, por não estar usando uniforme.

Para WEFFORT, (1996, p.10): “Ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro... A ação de olhar e escutar são um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história”.

Nós adultos, profissionais da educação e órgãos responsáveis, propomos rotinas, atividades e práticas educativas para preencher o tempo das crianças sem ao menos ouvi-las, desconsiderando a individualidade de cada uma, o seu tempo e o meio familiar que está inserida e desconsideramos que as crianças são seres humanos, e que em nossos discursos dizemos que são sujeitos históricos e de direitos, que produzem e são produzidos no interior das relações sociais, é preciso entender que a criança é um sujeito ativo e tem voz. Pergunto-me como seria uma escola que ouve as crianças?

1.3 Sobre a metodologia

Durante o tempo da minha formação no Curso de Pedagogia e olhando para minha infância percebo que alguns conceitos precisam ser observados com mais atenção. Neste primeiro momento não me parece que todos tenham fundamentado seus estudos, suas pesquisas, sobre a mesma base teórica, por isso este trabalho vai mapear os trabalhos de pesquisa, teses e mestrados, produzidos no PPGE/CED/UFSC, que articulam a infância, a escola e a pobreza, buscando entender como academicamente estas categorias são tratadas dentro de uma proposta – que geralmente é metodológica – de *ouvir as crianças*.

Na busca pela escolha metodológica para este trabalho, foi necessário, primeiramente, esclarecer o que caracteriza uma pesquisa. Segundo Minayo (2007), trata-se de:

[...] uma atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 2007, p. 17).

Este Trabalho de Conclusão de Curso se insere numa pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, posto que tem como foco não as quantidades que possam surgir, mas sim, as relações construídas ao longo da história. Por isso a pesquisa bibliográfica que utilizo filia-se na pesquisa qualitativa, pois está voltada para o movimento de compreensão de um processo de produção teórica e empírica sobre o tema deste TCC.

A pesquisa bibliográfica tem um movimento de apreensão dos objetivos, de pesquisa, de leituras. Como define Fonseca:

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

O período delimitado para a realização desse mapeamento situa-se entre o ano de 2000 e o ano de 2014. Essa delimitação temporal se justifica porque é neste tempo que temos registros no PPGE/UFSC via internet, no banco de teses e dissertações disponíveis no site do Programa, tornando-os acessíveis.

O percurso metodológico do trabalho foi trilhado em três etapas. A primeira consistiu num mapeamento das pesquisas desenvolvidas. Este primeiro olhar sobre as teses e dissertações disponíveis no site do PPGE/UFSC buscou por trabalhos que evidenciassem pelo menos um dos descritores *infância, escola e pobreza*. A busca considerou inicialmente os títulos e as palavras-chave das pesquisas, seguindo para leitura dos resumos. Logo ficou nítido

que nos resumos nem sempre eu encontraria as informações que eram necessárias e iniciei então, uma busca mais apurada nas apresentações dos trabalhos.

Com isso, passei a separar aquelas pesquisas que apresentavam no mínimo dois descritores. Os resultados desta filtragem totalizaram 17 teses e 52 dissertações. Cabe esclarecer que foi encontrado um número expressivo de trabalhos sobre a "educação infantil". Embora estes trabalhos versem sobre diversas questões relativas a infância e à escola, esta expressão não foi considerada como um descritor, pois tornou-se necessário manter certo rigor neste processo de busca por trabalhos para que não fossem ampliadas demais as possibilidades de análises para a realização de um TCC.

No segundo momento, senti a necessidade de acrescentar mais um filtro seletivo sobre os trabalhos já selecionados na etapa anterior. Foi quando a expressão *ouvir as crianças* ganhou importância no trabalho. Tal expressão já era do meu interesse desde o estágio. Assim, pude voltar o olhar para aquilo que me moveu no início do trabalho: o *ouvir as crianças*. A escolha feita foi por pesquisas que articulassem o conceito *de pobreza com a ação de ouvir as crianças escolares*, porque afinal, este era o foco o tempo todo. Resultaram, então, uma tese e duas dissertações.

Este processo foi feito através da montagem de tabelas⁴, nas quais tornou-se possível materializar sinteticamente os elementos que permitiram chegar até os estudos que farão corpo a este TCC. A sistematização nas tabelas foi feita por meio do preenchimento dos seguintes itens: título, autor/a, orientador/a, ano, metodologia, palavras-chave, uso dos descritores. Em seguida, passamos a identificar quais trabalhos utilizavam os descritores selecionados, através do uso de cores. Assim chegamos a uma única tese e às duas dissertações já mencionadas.

Este texto foi organizado em três capítulos. O primeiro, de caráter introdutório, apresenta o tema da pesquisa, o problema construído, os materiais a serem analisados e o percurso metodológico. No segundo, abordarei algumas noções teóricas sobre pobreza, infâncias e escola. O terceiro, por sua vez, versará sobre os trabalhos pesquisados e o tratamento dado pelos mesmos aos descritores em foco. Por fim, nas considerações finais apresento minhas constatações e reflexões provenientes do processo de produção deste TCC.

⁴ AS tabelas, com base nos dados do PPGE/UFSC, estão anexadas ao final do TCC.

2 BREVES ANOTAÇÕES SOBRE POBREZA, INFÂNCIAS E ESCOLA

Com o objetivo de fundamentar teoricamente esta pesquisa, busquei autores com quem me identifiquei durante a formação e com os quais estabeleci um diálogo mais frequente e intenso. Busquei também o desafio de realizar novas leituras e de me apropriar de novas e outras ideias e conceitos baseados em autores que não conhecia. Por vezes, não foram momentos fáceis, pois nem sempre os diálogos indicavam uma simples concordância, mas eram também movidos por discordâncias e inquietações.

Neste momento do trabalho fez-se necessário tecer encontros e talvez o grande desafio desta etapa foi encontrar autores que percebam as vozes das crianças e que seguissem uma linha metodológica que não descartasse a de outros autores pesquisados. Outro cuidado necessário nesta etapa foi entender que autores estão ligados ao seu tempo.

Os conceitos infância, escola, pobreza são bastante acionados nos trabalhos acadêmicos em Educação. No Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC também são categorias bastante utilizadas nas pesquisas de Mestrado e Doutorado. O desafio ao qual me proponho é o de entender estes conceitos fazendo relações com o *ouvir as crianças*. Assim, nesta seção apresentarei algumas compreensões sobre estes três conceitos que marcam presença em boa parte dos trabalhos acadêmicos da nossa área de atuação: a Pedagogia.

2.1 Pobreza, infâncias e escola

A pobreza é parte das inúmeras realidades das nossas escolas, em especial das escolas públicas. As diferenças sociais que atuaram na constituição do povo brasileiro ao longo da história impuseram formas diferentes de tratamento às crianças, diferença esta que fica nítida quando se observa a relação criança com o trabalho.

Para muitos pesquisadores, a escola é um local que fortalece as relações de produção capitalista, é também um lugar que evidencia as desigualdades sociais e ainda nos dias de hoje usa como justificativa a pobreza para os fracassos escolares. Segundo Quinteiro, 2003, [...] a

ideia de infância apresenta-se como sinônimo de criança, expressão utilizada para denominar o “filho do rico”, e “menor”, quando se refere ao “filho do pobre”.

Mas afinal, o que é pobreza? Crespo e Gurovitz definem a pobreza como:

[...] um fenômeno multidimensional em que há a falta do que é necessário para o bem-estar material. Associa-se a esse conceito a falta de voz, poder e independência dos pobres que os sujeita à exploração; à propensão à doença; à falta de infraestrutura básica, à falta de ativos físicos, humanos, sociais e ambientais e à maior vulnerabilidade e exposição ao risco. (CRESPO E GUROVITZ, 2002, p.11)

Codes (2008, p.16) acrescenta que a pobreza nem sempre é material e que os pobres não são vítimas somente da falta de bens materiais, mas que por vezes não tem acesso aos recursos para realizar as demandas sociais e culturais. Podemos entender que a pobreza pode ser também a negação ao direito da cidadania.

Na mesma direção, Barros e Mendonça, observam:

[...] a pobreza, não pode ser definida de forma única e universal, contudo pode-se afirmar que a pobreza refere-se a situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida condizente com as referências socialmente estabelecidas em cada contexto histórico. (BARROS E MENDONÇA, 2002, p.07).

É importante questionar se a pobreza se apresenta sempre da mesma forma. Será que a escola lida com os sujeitos infantis, considerando que eles têm carência das mesmas coisas? Será que estar com fome é a mesma coisa que não estar com as roupas limpas? A escola se interessa pelos seus sujeitos? Ou somente os julga e os condena a classe da marginalidade? Podemos pensar sobre a pobreza como categoria que também não é única e universal, que pode ser vivida de formas distintas e que com as crianças temos um caminho eficaz que é dar a oportunidade de expressão. O *ouvir as crianças* pode ser uma alternativa de sair de um conhecimento do senso comum sobre a pobreza.

O caminho que escolhi trilhar na minha pesquisa foi o caminho da Sociologia da Infância. Esta concepção institui a infância como objeto sociológico e a concebe como categoria social (SARMENTO, 2005, p.363).

Em consonância com esta abordagem, Kohan (2010) apresenta reflexões sobre a dificuldade e o tremor em falar sobre a infância naturalizada, como algo fora de nós. Para o autor, este tremor – uma sensação física e corporal – vem da demanda de um discurso naturalizado sobre infância, misturado ao desejo de ouvir estas infâncias e seus chamados. Nas palavras do autor:

[...] a infância é uma dimensão para além do humano, que nos remete ao outro inumano e que nos leva para além de nós mesmos: como se cada vez

que escrevemos tranquilamente sobre a infância, de alguma forma, esquecêsemos não apenas o que somos, mas também, e principalmente, o que nos faz ser o que somos. (KOHAN, 2010, p.126).

Assim, meu anseio é de não falar da infância naturalizada nos discursos e sim de infâncias que estão inscritas em sujeitos concretos, que trazem histórias, que tem sentimentos, dores [superadas ou não] e tantas outras possibilidades de ação.

Com esta reflexão gostaria de esclarecer que entendo que a infância é a condição do ser criança, é uma construção social e histórica, como apresentou a conhecida pesquisa de Ariès (2011) nos seus estudos sobre a história social da infância e da família desde a Idade Média até a Modernidade, ressaltando que sua análise foi com a infância de classe média na França.

Percorrendo a história, a partir dos estudos de Ariès, compreendo a infância como construção histórica e social relacionada às mudanças na estrutura familiar e nas expectativas sociais condicionadas à criança que, no decorrer da história, vão se alterando e dando ênfases distintas em diferentes momentos.

Durante o século XVII é que a palavra infância vai assumir o seu sentido moderno. Sarmiento e Pinto (1997), acrescentam que a criança esteve presente em todo o tempo e que na Idade Moderna ela se constitui como uma categoria social, e logo vão sendo estruturados dispositivos para controle desta nova categoria.

Para distinguir infância e criança faço uso das palavras de Khulmann Jr. e Fernandes, que salientam:

Podemos compreender a infância como a concepção ou a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive essa fase da vida. A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos com essa classe de idade, e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade. (KHULMANN JR. E FERNANDES, 2004, p. 15).

Reconhecer as infâncias escritas no plural indica a compreensão de que nenhuma infância é igual à outra, nem mesmo aquelas que convivem em contextos semelhantes. Esta perspectiva pluralizada de infância adquire uma importância ainda maior quando consideramos que a inserção em diferentes contextos sociais e históricos constituem diferentes infâncias, envolvendo as suas especificidades, o imaginar, a capacidade de criar e recriar, fazer ressignificações, perceber a criança como sujeito concreto tem sido discutido e ainda são desafios das políticas sociais para a infância. São desafios também para a escola, inclusive para a construção de uma postura de *ouvir as crianças*.

Alguns autores como Sarmento (2002), Kramer (2007), Quinteiro (2000), Gomes (2012), têm trazido questionamentos significativos para pensarmos as infâncias que estão nas nossas escolas. Sarmento (2002, p. 267) fala de uma “crise social da infância”, que pode ser facilmente reconhecida nos títulos de jornais apontando que: “O mundo da infância aparece invadido pela morte, pela injustiça (ou o mesmo é dizer, pela ausência ou ineficácia da justiça), pela doença, pelo desconforto, pelo abandono e pela violência”. Esta crise consiste numa ‘invasão’ do mundo adulto ao universo infantil, posicionando-as num lugar de imobilidade e incapacidade de filtrar ações e criar outras.

Kramer (1999), aponta para uma relação de sociedade e infância com preocupação, como analisa:

Hoje, vivemos o paradoxo de ter um conhecimento teórico avançado sobre a infância, enquanto assistimos com horror a incapacidade da nossa geração de lidar com as populações infantis e juvenis. De que modo as pessoas percebem as crianças? Qual é o papel social da infância na sociedade moderna? Que valor é atribuído à criança por pessoas de diferentes classes e grupos sociais? O que significa ser criança em diferentes culturas? Como trabalhar com crianças pequenas, considerando seu contexto de origem, seu desenvolvimento e os conhecimentos, direito social de todos? Como assegurar que, diante da diversidade das populações infantis e das contradições da sociedade contemporânea, a educação cumpra seu papel social? (KRAMER, 1999, p.14).

Quinteiro (2000, p.04), por sua vez analisa questões de infância no cenário brasileiro e chama a atenção para os saberes sobre a infância, que estão ao nosso alcance e nos mostram as precárias condições sociais da criança no Brasil.

Assim como a infância, a escola, no modelo que conhecemos hoje é uma construção da Modernidade. A escola, historicamente, é lugar de conhecimento, sociabilidade e também da expressão das violências simbólicas⁵, como nos mostraram Bourdieu e Passeron (1975) em suas análises desenvolvidas na segunda metade do século XX.

Segundo boa parte da literatura educacional, a escola é entendida e analisada como uma organização social complexa, que se configura como um centro de produção e reprodução das relações de produção capitalista, que estão ‘a serviço’ das classes dominantes. Para muitas crianças pobres, a escola é um dos mais importantes espaços institucionais de suas vidas que as posicionam socialmente a partir das suas condições socioeconômicas. O mesmo pode-se dizer em relação às crianças ricas, uma categoria que simbólica e materialmente se opõe à pobreza.

⁵Bourdieu e Passeron desenvolveram a “teoria da reprodução” baseada no conceito de violência simbólica, imposição de um poder. Com a obra: A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.

A instituição escola está dentro de um sistema maior, tem cunho político, também é um lugar de resistência, porém, acaba por fortalecer as relações da sociedade, tornando-se, então, um lugar onde há divisão do saber. Lugar de inclusão/exclusão porque inclui a todos no espaço concreto e exclui subjetivamente o direito do saber.

A escola tem seu caráter emancipador, na medida em que é constituída por sujeitos que sofrem as influências das condições sociais, mas para uma prática emancipadora. O profissional da educação, que atua na escola, precisa acreditar que mesmo sendo reflexo do sistema é uma instituição que têm capacidade para modificar e transformar a realidade.

Para chegar ao pressuposto da escola como socializadora, faz-se necessário entendê-la como um processo de construção coletiva desde as formas de gestão, às práticas cotidianas. Neste sentido, não se trata de uma individualização do trabalho e sim, numa luta coletiva daqueles que não desistiram de conquistar uma sociedade democrática. Uma nova sociedade não é construída no isolamento.

Uma das perguntas de Quinteiro (2000, p.07), é se a escola continua sendo o lugar privilegiado da infância. Segundo a autora, a ideia da infância na escola esta ligada a ideia de uma sociedade justa e ética, com professores reconhecidos com salários justos e que trabalhe com as crianças, considerando elas como sujeitos concretos, capazes, atores sociais, num ambiente de respeito, livre de preconceito e onde impera a dignidade pessoal.

A escola precisa resgatar a ação pedagógica abandonando a ideia de que a pobreza é justificativa para as dificuldades de aprendizagem. A escola para ocupar o lugar de emancipadora, a que se propõem, precisa considerar a criança como um ser concreto determinado por suas relações sociais, sujeitos que transformam e são transformados. Para a escola ser o lugar privilegiado da infância, é preciso reformular a escola como espaço disposto ao diálogo, às expressões, ao respeito. Lugar que, como dito anteriormente, cumpra o papel de divulgar a herança da humanidade e favoreça o processo de humanização.

Entre os desafios que a escola enfrenta está o de desnaturalizar o fracasso escolar⁶, preocupação que Patto (1999) apresenta como uma ‘naturalização histórica’, que busca enquadrar a criança como culpada pelo fracasso; rever seu currículo que segundo Quinteiro (2000, p. 04): “Parece que a ideia que se estabeleceu de que “criança pobre” é sinônimo de “classes perigosas” acabou perpassando a cultura escolar, instalando-se sutilmente nas entrelinhas do currículo [...]. Perceber e *ouvir as crianças*, tornando a escola um lugar aberto ao diálogo parece ser um grande desafio.

⁶ O termo fracasso escolar foi usado com intuito de não alterar a palavras da autora, podendo ser substituído por “situações de não aprendizagem”.

3 DAS POSSIBILIDADES DE OUVIR CRIANÇAS POBRES NA ESCOLA

Apresento a seguir um esboço sobre os trabalhos pesquisados que mostraram maior investimento na discussão sobre *ouvir crianças pobres na escola*. Como já mencionei anteriormente, num total de 17 teses e 52 dissertações, chegamos ao final do processo com uma tese e duas dissertações.

Cabe lembrar que os descritores utilizados nesta pesquisa são *infância, escola, pobreza e ouvir as crianças*, sendo que o critério estabelecido para proceder a leitura e a análise dos trabalhos foi de que eles deveriam concentrar no mínimo, três descritores, sem poder abrir mão do *ouvir as crianças*.

Desse modo, apresento a seguir o quadro dos que foram lidos integralmente e sistematizados neste capítulo.

	Título	Tipo	Ano	Autor/a
01	DA RELAÇÃO COM A ESCOLA E SEUS SABERES ENTRE CRIANÇAS (D)E FAMÍLIAS DE “BAIXA RENDA”: Um Estudo a partir de uma Instituição Pública da Ilha de Santa Catarina	Tese	2012	Justina Inês Sponchiado
02	“APROPRIAÇÕES”: O saber infantil sobre o espaço urbano da ‘favela’ por meio do teatro	Dissertação	2004	Flávia Wagner
03	ENSAIANDO O OLHAR: O sentido da infância a partir de fotografias produzidas por crianças	Dissertação	2009	Sônia Vill

Das dissertações pesquisadas, duas apresentaram o conceito pobreza e *ouvir as crianças* de forma articulada, porém com enfoques diferentes, sendo que uma delas apresenta experiências no campo educacional com oficinas de teatro realizadas na Vila Aparecida, no Bairro Abraão e a outra por uma busca de sentidos da infância, mediada por fotografias captadas pelas próprias crianças da Casa Chico Mendes, uma instituição não governamental, localizada na comunidade Chico Mendes, no bairro Monte Cristo, em Florianópolis.

3.1 - Trabalho um

Esta pesquisa, intitulada *Da relação com a escola e seus saberes entre crianças (d)e famílias de ‘baixa renda: um estudo a partir de uma instituição pública da Ilha de Santa Catarina* trata-se de uma tese apresentada no ano de 2012, por Justina Inês Sponchiado, sob orientação do Prof. João Josué da Silva Filho e tem como objetivo amplo de analisar as relações estabelecidas entre escola(s), saber(es), crianças e familiares responsáveis pelas crianças que freqüentam a escola. Foram delineados como objetivos específicos desta investigação:

- a) Explorar expectativas e ponto de vista de familiares e de crianças quanto à escola;
- b) averiguar aspectos apreendidos por estes meninos e meninas quanto a expectativas familiares (e também docentes) no que diz respeito a sua relação com os saberes e ao seu desempenho e trajetória escolares (dizendo de outro modo, o que apreendem como sendo o que delas se espera quanto à escola e seus saberes);
- c) apreender pontos de vista (“leituras”) familiares quanto ao atendimento escolar – saberes e condições – e quanto à inserção da criança aos seis anos no ensino fundamental.
- d) reunir pistas sobre a leitura/ponto de vista da(s) professora(s) quanto à política que colocou as crianças aos seis anos no EF; sobre as crianças que frequentam sua sala de aula e ao envolvimento familiar nos seus estudos.

A investigação buscou diálogos com familiares, responsáveis e crianças de uma turma de estudantes com idade em torno dos seis anos, que passaram a frequentar uma escola pública estadual de Florianópolis. Os sujeitos desta pesquisa que residem basicamente na área central da cidade, onde se encontra o chamado Maciço do Morro da Cruz. A autora teve como objetivo identificar as expectativas quanto a escola e a formação dessas crianças. Para tal, foram ouvidas as crianças, seus familiares responsáveis, uma de suas professoras, a diretora e uma educadora da gerência regional de educação.

Esta pesquisa é composta por cinco capítulos, obedecendo a seguinte ordem: 1 . Da minha relação com os saberes; 2. Por onde têm transitado os estudos brasileiros sobre infância e escola; 3. Crianças aos seis anos na escola: contexto e implementação do ensino fundamental de nove anos; 4. Crianças e familiares responsáveis: relação com a escola e com o saber; 5. Adentrando comunidades e residências.

Na introdução, (SPONCHIADO, 2012, p.25), inicia questionando sobre o ponto de vista das crianças que “passam boa parte de seus dias na escola e agora mais cedo se veem em situações nas quais precisam responder às demandas do ofício de aluno.” A título de reflexão, a pesquisadora pergunta: “Que lugar ocupa a escola e seus saberes na vida destas crianças? O que esperam da escola? Qual sua relação, e a de seus familiares, com o saber escolar?”

Famílias que vivem em situação de pobreza e de precariedade são apresentadas pela pesquisadora como os familiares responsáveis pelas crianças envolvidas nesta pesquisa. Para embasamento teórico da pesquisa, foram utilizados estudiosos contemporâneos, como La Taille (1992); Galvão (2008); Almeida e Mahoney (2000); Stroish (2005); Molon (2003, 2007). Aproximando-se da sociologia e transitando pela Sociologia da Infância, o estudo encontrou também a Sociologia do Sujeito, de Bernard Charlot.

No decorrer da pesquisa, o conceito escola é apresentado de forma complexa, entendendo-a como um local privilegiado de investigação. Sponchiado (2012) segue na busca por pesquisas no banco de teses e dissertações da CAPES, de pesquisas apresentadas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, PPGE/UFSC, no período de 1994 a 2004, e de artigos sobre os temas publicados em revistas científicas brasileiras, desde os anos 1970, sobre a(s) temática(s) criança, infância e escola.

Para conceituar infância a pesquisadora traz:

- A noção de que a infância é compreendida por muitos estudiosos como categoria social do tipo geracional, a qual diz respeito aos sujeitos imersos a cada momento histórico;
- Como construção social, a infância não é universal, mas uma variável da análise social indissociável de outras variáveis como sexo, classe social, raça e etnia, configurando numa análise comparativa e mesmo transcultural que resulta numa grande variedade de infâncias;
- A infância como uma etapa vivida por crianças que estão constituindo-se como seres históricos em contextos e condições, socialmente hierarquizadas.

Em relação à escola, Sponchiado (2012, p. 76) desenvolve no decorrer da pesquisa a ideia de que ela tem mostrado como um conjunto de instituições que “[...] não são iguais e tal diferenciação implica hierarquias– e nem podem oportunizar igualmente alguma ascensão social aos que a frequentam.”

Neste sentido, pude depreender que neste trabalho o *ouvir as crianças* refere-se a diferentes sentidos. Trata-se da ação propositiva de incluir o ponto de vista das crianças no

seu estudo e também como uma forma de dialogar com as crianças e entender como elas negociam, compartilham e enfrentam sua vida cotidianamente. Para a autora, *ouvir as crianças* é fundamental para conhecermos seus pontos de vista e suas experiências, possibilitando, assim, a compreensão dos diferentes fenômenos sociais que lhes dizem respeito. (SPONCHIADO, 2012, p.66)

Fazendo uso das palavras de Rocha (ano), a pesquisadora enfatiza que “[...] dar voz às crianças, tirá-las do silêncio, pesquisar a partir do ponto de vista delas [...] tem sido o objetivo de uma nova frente de pesquisas”, que vem utilizando entrevistas com as crianças, fotografias e vídeo para conhecer as formas de ser criança no interior da escola (ROCHA, 2004, p 252). Assim, a autora da pesquisa apresenta a importância do diálogo com as crianças, como uma possibilidade de construir uma mudança de paradigma que culmine na construção de propostas pedagógicas mais coerentes com as especificidades das infâncias [...] valores que definem políticas de modo verticalizado e de uma maneira em que aqueles sobre os quais a política incide não são ouvidos, nem levados em conta em suas necessidades já também em grande parte conhecidas. (SPONCHIADO, 2012, p. 96).

3.1.1 Ouvindo as crianças e seus entornos...

As falas das crianças aparecem na pesquisa juntamente com as falas dos familiares, numa discussão sobre o ingresso das crianças de seis anos no Ensino Fundamental. Abaixo trago algumas das falas das crianças, extraídas do trabalho que teve a intenção de destacar a voz destas infâncias, como sujeitos concretos. As referidas falas são as respostas das crianças a seguinte pergunta feita pela pesquisadora: Como foi a experiência de ir para a escola?

O quê?...(...) Às vezes... Às vezes eu acordo bem, bem tardão!

(...) Não! Fui com seis!

Podia ser a primeira série junto com a segunda e terceira porque os grandão, eles ficam às vezes no corredor, a gente passa e eles começam a puxar os nossos cabelos ou eles fazem a gente cair, colocam o pé pra deixar a gente cair.(...) Eles começam a fazer isso, daí ninguém gosta, daí às vezes eu pido pra mãe...“Eu não quero escrever, por que [é] que eu tenho que escrever se eu não quero escrever? Eu quero desenhar!”

É, às vezes eu tenho dificuldade por causa que... Por causa que a professora passa muito, né? Aquele dia eu... eu... eu não consegui, né, fazê aquelas continha, né, que eu não sei. Daí a professora brigô comigo e mando um bilhete. Daí eu fiquei...

“...eu podia desenhar e aí hoje eu não posso mais desenhar”.

“O que que eu tô fazendo aqui? Eu não sei fazer isso daqui”
 “Por que [é] que ela gritou comigo? Logo ela gritou comigo!”

A pesquisadora faz uma breve apresentação da história da montagem do cenário da cidade de Florianópolis, a formação do Maciço do Morro da Cruz, sobre sua população, 80% dos moradores desta comunidade é afrodescendente. Grande parte dos moradores das comunidades do morro são migrantes oriundos do interior do estado, sobretudo da região oeste devido ao êxodo rural (SPONCHIADO, 2012, p.123). A formação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz (FMMC) é apresentada nesta pesquisa como uma agregação das comunidades numa tentativa de resolverem problemas comuns e reivindicar melhorias para semelhantes condições de vida .

As páginas, 149 a 177, registram encontros entre a pesquisadora e as crianças. No início surgem as falas de apresentação e reconhecimento:

- Ju...? Jurema? perguntou e um dos meninos, sorrindo.
 - Bicicleta!
 - Eu também gosto de bicicleta! disseram outros dois ou três...
 - Eu gosto de carro!
 - Eu vou fazer guerra!
 - Eu vou ser policial!
 - “Então”, perguntei, “é legal vir para a escola?”.
 - É! (Entusiasmados).
 - Você é da UFSC?
 - É, sou. Você conhece a UFSC?
 - Eu ando de bicicleta lá! E em seguida: Você conhece a Casa da Criança?

Na medida em que os encontros vão acontecendo, os diálogos vão mudando, como se pode notar no excerto que segue:

- Do que você não gosta? Insisto com o que “ousou” dizer que não gosta.
 - De vir pra escola!
 - Não gosta de nada da escola? Investigo, em tom de empatia.
 - Só se for de jogá! (Está com o bolso cheio de bolicas).

- Ah, então você gosta de alguma coisa que faz aqui?!
- Eu não gosto por causa da lição! Explica.
- Da lição de casa? Pergunto.
- Daqui! Eu só venho porque se não apanho da mãe... E ela trabalha na escola!

A aproximação da pesquisadora com as residências das crianças é marcada por certa insegurança, sobre a qual a pesquisadora relata que “[...] gostaria de contar sobre os receios e a tomada de decisões quanto à ida a campo. Provavelmente em grande parte devido a uma visão [ainda] preconcebida, que não se afastava, [...] tive, sim, algum receio de “subir o morro” e adentrar as comunidades onde residem as crianças. ”(SPONCHIADO, 2012, p.194). Isto revela o quão desafiador foi o exercício de escuta nesta pesquisa, não somente em termos metodológicos, mas também nas questões subjetivas da pesquisadora, como, por exemplo, seus medos e receios.

Neste encontro nas residências novamente o diálogo acontece entre os familiares, as crianças e a pesquisadora. Algumas falas que destaco sobre este diálogo:

- O que vocês vão fazer na escola?
- Estudar.
- Fazer deveres.
- Fazer deveres. Pra quê?
- Pra aprender.
- Pra aprender pra quê?
- Pra passar. (...) Pra a 4^a, pra a 5^a, pra a 6^a.
- 4^a, 5^a e 6^a... mas pra que precisa estudar?
- Pra a 3^a, passar pra a 3^a.(...)
- Por que que precisa passar para a 4^a, para a 5^a e para a 6^a?
- Porque tem... (...) Tem que pegar... fazer uma casa.
- “Eu não gosto de estudar mais!” “Mas tu gostava antes...”
- “Ah, antes eu gostava, mas agora eu não estou mais gostando”.

Nas considerações finais, a pesquisadora conclui que as crianças que participaram desta pesquisa gostam de desafios que despertam sua curiosidade e criatividade, ressignificam as atividades dinâmicas, demonstram alegria naquilo que as mobiliza e a escola é o lugar que parece fazer com que estas crianças se sintam parte do “mundo” e este ir para a escola é uma vivência partilhada em casa e na comunidade. E conclui, partindo do foco de sua pesquisa que:

Podemos dizer, ao final deste trabalho, que a inserção das crianças de seis anos no primeiro ano do Ensino Fundamental interferem diferentes aspectos e dimensões da vida familiar, e muito especialmente das crianças. Infelizmente, não pareceu favorecer sua relação com a escola e com os saberes – e por outro lado pode, sim, contribuir, e possivelmente de modo importante, para a individualização das

dificuldades, enfrentadas num contexto escolar não preparado suficientemente para atender demandas educacionais da ainda pequena infância. (SPONCHIADO, 2012,p.342)

3.2 Trabalho dois

A dissertação “*APROPRIAÇÕES: O saber infantil sobre o espaço urbano da ‘favela’ por meio do teatro*” foi apresentada no ano de 2004, por Flávia Wagner, sob orientação do Prof. Paulo Meksenas. Como citado anteriormente, é um trabalho que tem sua base no teatro dentro de uma favela, como um instrumento de pesquisa em que as falas e representações corporais ofereciam informações sobre as crianças envolvidas. O objetivo principal dessa pesquisa buscar perceber, por meio dos dados coletados pelas oficinas de teatro quais as apropriações que crianças moradoras da ‘favela’ Vila Aparecida, em Florianópolis/SC, fazem do espaço urbano em que estão inseridas, visando poder compreendê-las melhor no contexto educativo. Para auxiliar na discussão foram elaborados quatro objetivos específicos: a) pontuar aspectos da história sobre o processo de urbanização de Florianópolis/SC a partir do século XX, buscando dar ênfase ao processo de construção das ‘favelas’; b) perceber o processo de organização do espaço urbano da ‘favela’ Vila Aparecida, sobre os aspectos da composição espacial, cultural, social e econômica; c) traçar aspectos sobre o PFS, que vão desde a sua estrutura física e administrativa até a caracterização dos sujeitos nela envolvidos; d) compreender, por meio das oficinas de teatro, as apropriações que as crianças fazem da ‘favela’ Vila Aparecida.

O itinerário da pesquisa começa apresentando termos que envolvem o conceito pobreza. A autora abre o texto introdutório da dissertação partindo do entendimento de que “a ‘favela’ é um espaço de representação do viver a pobreza no espaço urbano sob o capitalismo”. (WAGNER, 2004,p.18) .

Na sequência dos seus escritos, apresenta um relato de experiência pedagógica onde vivencia uma situação de frustração com as crianças do estudo, pois havia planejado atividades relativas à sua pesquisa que não foram bem aceitas por todas elas: “Precisei levar uma espetada do canivete de uma criança na mão/fantoches, acompanhada da seguinte frase: “[...] não quero ficar aqui dentro da sala ouvindo essa palhaçada, [...]” (WAGNER, 2004, p.21), e com esta fala, sente-se desafiada a abrir espaço para *ouvir as crianças* em sua pesquisa.

Em se tratando dos conceitos articulados – infância, escola, pobreza e ouvir as crianças -, na página 22, a autora descreve a infância que vai aos poucos encontrando na sua pesquisa, fazendo-lhe abandonar uma “imagem idealizada de Infância”. Neste sentido, o *ouvir as crianças* passa a ser um meio para conhecer as singularidades das crianças. A pesquisadora assim relata: “[...] busquei me aproximar para conhecer o modo singular que essas crianças produzem cultura, suas regras, sua linguagem própria e seus valores que constroem para conviver em um espaço em comum.”

É importante ressaltar que, o texto demonstra que as dificuldades que as crianças da favela enfrentam dentro da escola, o entorno escolar é totalmente desarticulado com o entorno social em que vivem: a literatura, os livros didáticos, na sua maioria, não contemplam a realidade social daqueles que vivem na favela e por isso acabam por desmotivar a permanência destas crianças na escola.

Para Wagner (2004), a articulação das culturas: a “cultura do livro” e a “cultura da favela”, a “cultura do silêncio” e da “violência”, seria a articulação do conhecimento popular com o conhecimento científico. A autora argumenta sobre a distância do espaço escola (que teoricamente é lugar privilegiado da infância) com a vida das crianças da favela. “As crianças que vivem em favela sentem-se em ‘casa alheia’ na escola, devido os professores falarem uma linguagem que não é a sua, sua vida e seus problemas são ignorados, leem livros onde não encontram nada parecido com o seu mundo”. (WAGNER, 2004, p. 12)

Esta dissertação apresenta quatro capítulos, sendo o primeiro uma abordagem de conceitos sobre, espaço urbano, favela e favelado e uma caracterização dos grupos de classe que produzem o espaço urbano. O segundo capítulo relata, por meio da fala dos moradores, os aspectos históricos do surgimento da Vila Aparecida. No terceiro capítulo, traz dados sobre o Projeto Família Saudável (PFS), instituição em que foi realizada a pesquisa, traz dados referentes à estrutura física e administrativa e também ao perfil das crianças atendidas pelo PFS. No último capítulo, traz uma análise sobre as oficinas de teatro e uma análise das apropriações das crianças sobre o espaço urbano em que vivem juntamente com as peças criadas pelas mesmas e finaliza a pesquisa com uma conclusão parcial.

A pesquisa, na página 41, apresenta a pobreza como uma das consequências grave que ocorrem dentro de um processo acelerado de urbanização da sociedade e se utiliza da definição de que um dos grandes male da sociedade capitalista é a má distribuição de renda, que gera a desigualdade social e os níveis elevados de pobreza. Ressaltando aqui que o

elemento gerador da pobreza no Brasil não é falta de riquezas e sim a má distribuição das riquezas existente e que o sistema capitalista precisa dessa desigualdade para se manter. Chegando a conclusão que: “A desigualdade é um produto cultural que resulta de um sistema capitalista excludente, que não reconhece a cidadania para todos, assim como os direitos e as oportunidades.” (WAGNER, 2004, p. 43)

Guiada pela definição de Barros e Mendonça (2002) de que a pobreza não pode ser vista de forma única e universal, Wagner (2004) destaca que a pobreza caracteriza situações de carência, entre elas a carência da casa própria ou para pagar aluguel de uma residência e tantas outras carências.

Este primeiro capítulo faz uma articulação entre os conceitos pobreza, favelado e violência. A pobreza é apresentada enquanto um estado de carência e chama a atenção para o favelado como aquele que vende sua mão de obra barata sendo assalariado, autônomo ou trabalhador informal dentro do sistema capitalista. Ele sofre o preconceito de ser morador da favela sendo considerado perigoso. Assim, trazem na sua identidade social estigmas diversos: de moradores de rua, de famílias desestruturadas, de delinquência e de criminalidade o que Wagner vem tentando contradizer por meio de sua experiência na favela. A carência destes lugares que se dá pela falta de investimentos em políticas públicas, falta de habitação, de emprego, de educação, de saúde, vão fortalecendo o cenário de criminalidade dentro dos centros urbanos.

A pesquisadora coloca que em Florianópolis a história pode até se agravar por se tratar de uma cidade turística que não aceita as favelas porque elas ‘poluem o ambiente’. Observando a história das favelas nesta cidade, percebe-se que cada vez mais são transferidas para áreas desfavorecidas ficando claro que não há interesse de que esta população saia da classificação de pobreza, pelo contrário, elas são necessárias para alimentar este sistema que inclui a todos e ao mesmo tempo exclui os direitos dos sujeitos. Esta situação é presente em todo nosso país. A autora se vale do exemplo do Rio de Janeiro, a partir da análise de Kowarick, apontando que

[...] nos últimos anos, as prefeituras têm desenvolvido programas de remoção das favelas, que ocorrem tão logo os terrenos onde se situam passam a ter uma serventia para a cidade, ou os barracos localizados se tornam um foco de mal-estar para os moradores mais abastados. (KOWARICK, 1979, p.79).

A pergunta que surge no final deste capítulo é como amenizar tal situação e como sugestão surge o amenizar com programas estatais, planejamentos e investimentos políticos em urbanização, buscando resolver problemas habitacionais.

O segundo capítulo é uma apresentação deste espaço Vila Aparecida que fica localizada próxima à Via Expressa, na BR 282, no Continente com o intuito de aproximação entre a pesquisadora e as crianças, ao que autora se refere como “compreender quais são as apropriações que as crianças da ‘favela’ Vila Aparecida fazem do meio em que vivem.” (WAGNER, 2004, p.69) e nessa perspectiva ela conhece histórias vividas, as transformações locais e a possibilidade de formar um documento histórico, partindo das falas dos sujeitos envolvidos, até aqui sujeitos adultos com idade acima de 30 anos e este não é nosso foco de pesquisa por isso fica meramente citado.

Na página 82, começam a aparecer as falas das crianças. Inicia com a fala de uma menina expressando o papel importante que tem uma égua na sua família que tem por profissão ser catadores de lixo. A observação importante aqui é que as crianças empobrecidas precisam trabalhar cedo e logo fazem suas relações, como neste caso em que a criança diz: “Minha família ficou mais rica porque a égua do meu pai deu cria. Agora minha mãe vai poder catar coisas com esse novo cavalo, nós vamos ganhar mais dinheiro” (2004, p. 82).

A autora vai percebendo que a infância vai se caracterizando de formas diferentes, as singularidades, constatando como participam ativamente na subsistência da vida, torna-se pequenos trabalhadores. Para realizar esta pesquisa Wagner marcou um encontro com o intuito de apresentar a proposta de pesquisa ao grupo de funcionários que foi bem recebida e então decidiu falar com as crianças que logo a acolheram e quando sugerido conhecer a casa de cada criança, uma se pronunciou contra. Expresso na seguinte fala: “eu não vou mostrar onde é minha casa, prefiro fazer outra coisa, não gosto de passear pela Vila”. e começa então as falas das crianças, representando e valorizando então o *ouvir as crianças*, abaixo algumas falas das crianças citadas na página 94:

Ontem morreu meu primo, com cinco tiros, na frente da casa da minha Vó. O traficante achava que ele tinha dedado alguma coisa para polícia. Morreu de graça! Minha mãe diz que ele não sabia de nada, eles tinham é ciúme dele, porque ele tinha emprego lá no centro. (A. 11 anos)

Perigoso mesmo é quando meu vizinho chega bêbado em casa, bate tanto na mulher e nos filhos que a gente chega a ouvir os gritos lá de casa. (G. 10 anos) .

São nestes diálogos que a pesquisadora vai conhecendo as maiores dificuldades enfrentada pelas crianças, as situações diárias enfrentadas na favela, as regras de convivência do lugar e os líderes que se formam durante a história, líderes religiosos, líderes por imposição de violência. As crianças que participaram desta pesquisa fazem parte do projeto PFS “Projeto Família Saudável” que é vinculado administrativamente à Organização Não Governamental - Centro de Valorização Humana, Moral e Social – CEVAHUMOS. Uma ONG, preocupada com o crescente número de crianças perambulando nas ruas da Grande Florianópolis. O trabalho deste projeto é acolhido pelos pais e responsáveis que pagam mensalidade para as crianças participarem.

A finalidade do PFS é atender crianças das classes populares na faixa etária de cinco até 12 anos, com o objetivo de proporcionar ações para proteger as crianças de um maior contato com a rua, oferecendo um reforço escolar; uma recreação na área de artes, uma alimentação e uma higiene pessoal. (WAGNER, 2004, P.110)

Ao apresentar o perfil das crianças que participam da ONG, Wagner traz situações de gênero, de raça e de carência/ pobreza:

[...] são 28 meninos e 32 meninas, distribuídos entre os grupos de trabalho. Dessas crianças, 30 são de cor branca, 22 são negras e oito pardas, segundo consta no campo assinalado pelos pais nas fichas de matrícula do PFS. Algumas apresentam problemas no desenvolvimento físico, resultado, da subnutrição, conforme constatado por visita de profissionais da saúde. (WAGNER, 2004, P.127)

Neste capítulo da pesquisa, as falas das crianças estão presentes no que se referem à sua rotina, situações familiares. Busca também as falas das oficinas do projeto sobre as crianças, evidenciando também a carência afetiva, a falta da mediação dos adultos em vários contextos e as responsabilidades domésticas das crianças em casa, onde crianças maiores são responsáveis pelos irmãos menores e por outras tarefas de casa. Uma situação que surge aqui é a falta de tempo para o brincar, a violência que impede as brincadeiras de rua. Durante as entrevistas com as crianças, a fala de uma menina, 10 anos, chama a atenção:

[...] essa noite eu não dormi, porque estava com muito frio, coloquei todas as duas blusas que eu tenho mais não adiantou. Então perguntei: Você não tem cobertor? Eu não tenho nem cama, eu durmo no chão eu mais minha mãe e irmã, porque a casa do meu tio é muito pequena. (WAGNER, 2004, P.130).

Durante o trabalho, que focava nas apropriações das crianças através do teatro, Wagner vai percebendo que o universo cultural que a criança traz consigo é subestimado ou desconsiderado pela escola ou qualquer outro espaço educativo. Nessa proposta de as crianças

se expressarem, foi feita construção de painel, onde aparecem situações que lhe incomodam, seus desejos quanto ao lugar que moram e frases como: Queremos paz. Queremos brincar. Queremos amizade. Os diálogos estão registrados e é possível observar que o replanejamento está sempre presente oportunizando a participação ativa das crianças.

As crianças se mostram sujeitos concretos que tem ações, sentimentos e atuam diante da sua realidade. As percepções das crianças ficam claras quando expressam sua tristeza ao contar das humilhações que suas mães sofrem no trabalho, da sua preocupação com os tiroteios e quando são oportunizadas suas demonstrações tentam suprir a dificuldade enfrentada.

Como conclusão da pesquisa a autora observa que: “Como toda cultura tem suas regras, sua linguagem própria, seus valores não é jamais vazio, além do que, é constituída por pessoas com histórias de vida, a proposta é de que o professor reconheça e dê legitimidade à cultura local da criança”. (WAGNER, p.195)

3.3 Trabalho três

A dissertação *Ensaçando o olhar: O sentido da Infância a partir de fotografias produzidas por crianças* foi apresentado no ano de 2009, por Sônia Vill, com a orientação da Prof^a Gilka Girardello. A pesquisa teve como objetivo geral: Analisar a produção de sentidos da infância, a partir da narrativa da pesquisadora, evidenciada por fotografias captadas por crianças no seu cotidiano, a partir de uma pesquisa etnográfica orientada por uma dimensão filosófica ético-estética. E como objetivos específicos:

1. Descrever e identificar como crianças da Casa Chico Mendes narram aspectos do seu cotidiano, a partir das fotografias captadas por elas.

2. Analisar, a partir de material bibliográfico, discursos que projetam diferentes imagens sobre a infância, buscando estabelecer relação entre eles e interpretação das narrativas fotográficas das crianças da Casa Chico Mendes.

3. Refletir sobre o potencial de uso da fotografia numa pesquisa.

Esta pesquisa utilizou-se de fotografias captadas por crianças que frequentavam a Casa Chico Mendes, uma instituição não governamental, localizada na comunidade Chico Mendes, no bairro Monte Cristo, em Florianópolis, num movimento de aproximação das crianças com a fotografia.

A autora apresenta sua pesquisa como sendo um instrumento de “[...] crítica ao pressuposto moderno que concebe a infância a partir da visão da criança como vir a ser adulto, fixada num tempo cronológico e linear”. (VILL, 2009, p.5). Começa fundamentando a infância como um lugar possível de experiência, apontando para a pluralidade, a existência de muitas infâncias que habitam em diversos lugares como o campo, as cidades, as escolas,...

Para a organização dos assuntos tratados, a pesquisa foi dividida em quatro capítulos: No capítulo I, aparece a trajetória da pesquisa com o olhar da autora sobre o tema. O capítulo II se caracteriza por uma revisão bibliográfica e o primeiro encontro das crianças com a câmera. O capítulo III marca um encontro da pesquisadora com a infância, uma análise das falas das crianças e o capítulo IV versará sobre a aproximação da infância, da imaginação e da fotografia, enfatizando a imaginação como força criadora que precisa ser alimentada.

No capítulo I, a pesquisadora inicia sua pesquisa com a educação infantil, que não é foco de análise, e segue conceituando a escola como um lugar de discussão das relações de poder que se alicerça sobre tudo num currículo vai trazendo o trajeto histórico da escola:

Quando saímos de um modelo de escola ainda mais centralizador e autoritário, partimos para uma abordagem que, por vezes, pode se localizar como salvacionista. Hoje percebo que a escola crítica fortaleceu-se no julgamento da sociedade carregada de suas intenções também polarizadas, centradas numa verdade tida como melhor, que marcou nosso percurso. (WILL, 2009, p.24)

Repensar o lugar escola é, para a pesquisadora, uma reflexão do seu próprio discurso. Faz uma reflexão sobre a função que a sociedade determina para esta instituição, quais são ações esperadas, por exemplo, a garantia de preparar o aluno/a para o vestibular e como são estigmatizadas as escolas públicas, por serem consideradas “fracas”.

A fotografia surge, então, como um aprendizado sobre a luz, a sombra e a escuridão. Um silêncio que pode ser apresentado numa imagem, o que seria um falar de diferentes modos. Ao rever a história da fotografia, a pesquisadora traduz como um produto mecânico capaz de representar a realidade fielmente. E pensando desta forma, propõe um trabalho com as crianças em que elas mesmas – as crianças – fotografaram e fizeram suas narrativas. A pesquisadora enfatiza que esta é uma pesquisa *com* e não *sobre* crianças, a partir da perspectiva de trabalho do pesquisador William Corsaro que conheceu numa formação realizada em 2007.

O encontro com a comunidade é relatado por Will com dois momentos significativos. No primeiro, estava acontecendo uma operação policial, quando relata ter uma reação de susto e de pânico; no segundo, num final de tarde, quando as pessoas recebem a notícia da morte de

um adolescente da comunidade, assassinado nas disputas de grupos internos. São momentos que marcaram sua chegada à comunidade, um local que detêm a maior concentração de famílias em situação de pobreza e, conseqüentemente, estão inseridas num contexto de precariedade de infraestrutura urbana, marcadas por problemas sociais e convivem cotidianamente em áreas de risco. A pesquisadora expressa à situação da seguinte forma:

A comunidade Chico Mendes foi e é, então, formada por pessoas empobrecidas, pouco reconhecidas por suas histórias e pelo tanto que lutam para sobreviver. Pessoas que, mesmo acostumadas com o julgamento e a indiferença, adoram o lugar onde moram e se orgulham das amizades e afetos que ali constituíram. Pessoas que lutam diariamente pela constituição de seus espaços e seus direitos. (VILL, 2009, p.42)

A Casa Chico Mendes atende em projetos crianças, adolescentes e mulheres da comunidade, objetivando relações de humanização. Os grupos de crianças eram separados em dois grupos: crianças de 6 a 10 anos e o outro, nomeado como das crianças maiores, de 11 a 15 anos.

No início do trabalho com as fotografias, participavam seis crianças, sendo cinco meninas e um menino. As ressignificações foram acontecendo no decorrer do trabalho e as imagens se reportavam a histórias vividas. Na página 54 a autora relata que “A imagem era ponte para a imaginação e para a memória.” As crianças mostravam euforia durante o trabalho que trouxe certa desconfiança sobre a veracidade de eles estarem manuseando uma câmera. Fato que leva a pensar a relação adulto-criança, (VILL, 2009, p.55) comenta:

As crianças pareciam acostumadas com essa dúvida sobre elas em relação aos adultos que desacreditavam no seu potencial. Numa das situações que vivemos, por exemplo, durante uma caminhada pelo bairro, uma das crianças queria me levar na sua casa, ou pelo menos levar a câmera em casa para mostrar à mãe que não acreditava que alguém pudesse dar uma câmera a ela.

Segundo o texto, as fotografias vão evidenciando sentimentos, situações e até modelos da sociedade que podem ser percebidos nas poses feitas para as fotos. No momento da apresentação das imagens as crianças falavam do espaço e sobre si. Detalhes que por vezes não eram observados. Os diálogos eram sobre os ângulos, sobre seus corpos, sobre as relações com o outro, num duplo movimento de olhar e também para se fazer olhado como um modo de inscrever-se no mundo, por meio da imagem.

Na medida em que o trabalho ia se desenvolvendo, suscitava mais indagações e possibilidade de ouvir. Na segunda saída a proposta era fotografar crianças e logo surge uma pergunta, por parte da pesquisadora: o que é ser criança? Ao que respondem as crianças: “ser criança é legal... Mas logo uma menina complementou: É bom crescer porque a mãe deixa

sair. Criança brinca, criança vai à escola, adolescente pode gazejar aula...” (VILL, 2009, p.58) É possível pensar aqui sobre um lado positivo da infância. Por outro lado, indica um entendimento que existe uma idade melhor, um por vir.

A fotografia permitia a imaginação, criando histórias, reais ou imaginárias. As crianças faziam composições uma imagem com o corpo. “A fotografia, como texto das crianças, nos trouxe o papel da escola como lugar de criança. A partir dela nos aventuramos a compor uma imagem da escola da nossa imaginação.” (VILL, 2009, p.61).

A pesquisadora traz uma situação do tempo longo que as crianças ficam na frente da televisão e apresenta em notas de rodapé dois conceitos de infância, um deles o da infância perante a mídia, e o outro sobre um olhar, que ela apresenta da seguinte forma: “[...] existe também um modo de olhar para a infância, de novo naturalizado, que a destitui de um corpo que sente, que tem sexualidade, que tem poder”. (VILL, 2009, p.66).

O capítulo II é uma apresentação do caminho teórico escolhido pela pesquisadora que vai conceituando a “[...] infância em movimento, infâncias imaginativas, infâncias que recriam seus contextos, infâncias que fogem de um conceito essencialista e universal.” (VILL, 2009, p.87). Fala da escola a partir das contribuições do pensamento de Michel Foucault, entendendo-a como sistemas regulados e ajustados e que esta se especializa em exercer o poder sobre os corpos. A autora apresenta a escola dentro desse sistema, mostrando também, que há esperança para a escola se pensarmos nela como lugar de resistência e linha de fuga.

Alguns questionamentos sobre a infância são destacados na pesquisa: “Mas do que se trata reinventar a infância? Que bases e que mudanças pressupõem novos paradigmas? Infância e criança deixam de ser sinônimos? O quê os define? A infância é passível de definição?” (VILL, 2009, p.97).

O encontro da infância da pesquisadora com as crianças da Casa Chico Mendes, o caminho que percorreu na pesquisa está apresentado no capítulo III. O conceito experiência é apresentado aqui com base nos autores Walter Benjamin (1994), Giorgio Agamben (2005), Jorge Larrosa (2006) e Miguel Morey (2006) com a intenção de aproxima-la às noções de infância e linguagem.

Ao pensar a relação escola e criança, foram questionadas as crianças, da Casa Chico Mendes, sobre o que fazem na comunidade na condição de ser criança. Todas responderam: O que criança faz é ir para a escola. Partindo dessa resposta as crianças fotografaram a escola, locais e pessoas envolvidas no contexto escolar. Em conversas sobre as imagens, na página 113, apareceram falas como:

Perguntei: O que é a escola? E, as crianças responderam: “É onde as crianças vão.” “Onde as crianças estudam.” “É onde trabalham os diretores e os professores.” “É a minha segunda casa, eu fico mais tempo lá que na minha casa.” “É onde eu aprendo o mesmo que em casa.” Perguntei: Precisa mesmo ir na escola? Todos foram unânimes em afirmar :“Claro. Tem que ir pra não ficar burro.”

Observando as falas das crianças sobre o a escola, a pesquisadora percebeu que o significado de bagunçar estava ligado à cumplicidade entre eles, já que em muitos momentos a escola se distancia de um modelo significativo para as crianças. As crianças são pouco ouvidas pela escola e seus corpos clamam por atenção e não sendo ‘suficiente’ apenas o controle, o silêncio e a imobilidade.

Falas das crianças diante de questionamentos:

Se vocês pudessem mandar no mundo, teria escola? Nesse momento uma menina menor, que estava perto do grupo falou: “Se eu fosse Jesus, não ia ter escola nenhuma!” Todos se voltaram contra ela, já dizendo “ah, tu queres ser burra então? Como é que tu vais ser alguém na vida?”

Responderam também à pergunta: O que seria uma escola dos sonhos?

“igual ao Múltipla Escolha”⁷
 “uma escola dos sonhos para todos”.
 “uma escola rosa”
 “uma escola particular, uma escola pra rico”.

Observando as falas das crianças, Vill (2009) pondera o quanto as crianças não estão alheias a sua realidade, sabem expressar seus desgostos e os seus sonhos e expressam o descaso político da escola pública. Complementa ainda: “As crianças legitimam a escola. Elas não entendem a escola, não por ingenuidade, mas pela distância entre os sentidos de suas vidas e o que a escola projeta unilateralmente [...]” (VILL, 2009, p.115).

⁷ Múltipla Escolha é um cenário de uma escola apresentado, às 18 horas, na novela Malhação da Rede Globo

Este capítulo é encerrado com a reflexão sobre a crise que dura mais de quatrocentos e que extravasa na escola, na infância, na adolescência, na juventude. Enfim naqueles que são vistos como mera passagem para o mundo dos adultos.

Nas considerações finais a pesquisadora conclui que o tempo em que esteve com as crianças se sentiu tocada por elas e conseguiu ultrapassar uma imagem idealizada de infância, indo ao encontro das infâncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar teses e dissertações publicadas, no período de 2000 a 2014, no Programa de Pós-Graduação – PPGE/UFSC, que, de início, articulassem conceitos como infância, escola, pobreza e *ouvir as crianças*. Na sequência da pesquisa entendemos que nosso interesse estava no tratamento dado às compreensões de pobreza na escola com o *ouvir as crianças*. O trabalho foi de bastante dedicação às leituras, afinal há conceitos que não estão registrados no resumo e nem mesmo constam no sumário de algumas teses e dissertações, por isso fez-se necessário um olhar mais apurado para separar as pesquisas que apresentassem o perfil desejado.

No total foram pesquisadas dezessete teses e cinquenta e duas dissertações, na busca pela temática escolhida. No final permaneceram uma tese e duas dissertações. Pode-se considerar que não são muitos os estudos nesta área da educação e cabe aqui ressaltar que considere o *ouvir as crianças* de fato, suas falas, como acontecem este ouvir dentro de uma realidade de pobreza, quais são as interpretações da infância em face desta realidade.

Início as considerações, esclarecendo que os trabalhos apresentados me permitiram um pensar sobre a infância. Na tese apresentada por Sponchiado (2012), a linguagem foi um pouco mais difícil para interpretação devido à pesquisa ser bastante ampla. O estudo trouxe uma questão importante que são as falas das crianças na escola, as falas dos grupos familiares e dos profissionais da escola, ‘dando’ voz aos sujeitos envolvidos com a criança. A autora mostra seu percurso de pesquisa ressaltando que não conseguiu seguir com as observações participativas na escola no tempo que planejou, devido ocorrência de greve de professores da rede estadual que durou quase três meses, ocorrida em 2011. Uma das riquezas do trabalho refere-se justamente às dificuldades da pesquisadora para *ouvir as crianças*, já que este

movimento está implicado com a metodologia da pesquisa que nem sempre acontece como foi planejado. O diálogo com as crianças precisaria de mais tempo para acontecer as significações necessárias e desejadas pela pesquisadora.

As dissertações apresentadas falavam de recursos metodológicos diferentes, uma de teatro e outra de fotografias, mas tinham um encontro no que se refere ao lugar e aos sujeitos, porque as duas pesquisas se realizaram dentro de favelas e com crianças que participavam de instituições sociais educativas no turno inverso da escola. Em termos metodológicos, as duas pesquisas trabalham com linguagens artísticas, possibilitando processos de significação e ressignificação das crianças.

Os três trabalhos analisados mostram uma articulação dos conceitos em que foi possível perceber semelhanças, por exemplo, no que se refere à infância como uma construção social, sujeito histórico e a existência de mais de uma infância; cada autora foi ampliando o conceito de acordo com sua formação. Sobre o *ouvir as crianças*, durante a leitura das pesquisas é notável a importância dada às falas, um reconhecimento do sujeito infantil capaz de criar e recriar sua realidade.

Reconheço que *ouvir as crianças* não é tarefa simples, pois como traz Spinelli:

[...] é importante destacar que pesquisar a infância a partir do olhar e da fala da criança na escola ainda é um desafio para a pesquisa educacional e, nesse sentido, não pode ser banalizada, justamente porque conhecer essa pequena humanidade silenciada exige rigor, cuidado metodológico e estudo teórico. (SPINELLI, 2012, p. 109).

Quando aparece a escola, as três autoras reconhecem como um lugar hierarquizado e apresentam situações que acabam por afastar a escola da infância: Sponchiado (2012), apresenta as ansiedades das crianças de seis anos e de seus familiares responsáveis, no ingresso na escola e que acabam por rejeitar o ofício de aluno, pelo peso das regras impostas; Wagner (2004), traz a questão da escola que idealiza uma imagem de infância e não reconhece as narrativas infantis; Will (2009), apresenta a escola como lugar de controle, de silêncio e de imobilidade, porém reconhece que a escola pode também ser um lugar de resistência e linha de fuga. As três autoras relatam que ao perguntar para as crianças sobre o lugar das crianças, todas respondem ser na escola. Assim como Pinto (1998), aponta para a escola:

A escola pública, como instituição importante no processo de socialização e inserção das crianças no universo da cultura, principalmente das crianças pertencentes aos setores mais pobres da população devem ser revista na sua estrutura, organização, crenças e valores, de modo a tornar-se um lugar privilegiado da infância. Claro que a mudança dessa instituição passa por rever também o projeto de sociedade no qual estamos inseridos, já que a

escola reflete as relações hierárquicas, burocráticas e de poder que ali se estabelecem. Mas, assim como na sociedade capitalista, no interior da escola pública as contradições estão presentes e, assim como as práticas ali desenvolvidas, são influenciadas pela sociedade, também podem influenciar as práticas sociais estabelecidas no seu exterior. É nesse sentido que as dificuldades e possibilidades de a escola pública vir a se tornar um espaço privilegiado da infância precisam ser identificadas, de modo que todas as crianças possam gozar seus direitos, entre eles, o brincar. (PINTO, 2007, p. 97 e 98).

Ao falar sobre pobreza as autoras se referem como uma das consequências graves que ocorrem dentro de um processo acelerado de urbanização da sociedade. Nas suas pesquisas remetem o conceito pobreza diretamente à favela, como lugar de falta de infraestrutura, de moradia de pessoas empobrecidas, que se ocupam de trabalhos braçais e/ou informais. A pesquisa de Wagner coloca em destaque esta problemática social ressaltando também que a “favela é um espaço de representação do viver a pobreza no espaço urbano sob o capitalismo” (WAGNER, 2004, p.18) e que as pobrezas não são iguais. Enfatiza também que o adulto pobre precisa lutar diariamente para ter sua história validada e a infância pobre tem seu entorno social desconsiderado na realidade escolar.

Outro fato que chama a atenção é o medo que aparece nos relatos das três pesquisadoras, no momento da entrada na favela. Elas reconhecem este medo e entendem que já estão contaminadas pelo preconceito firmado na sociedade.

Nas falas das crianças apresentadas nas duas pesquisas das dissertações, estão presentes relatos de violência dentro da comunidade e o modo como são afetadas por ela. As crianças se expressam com clareza e demonstram ter noções sobre as coisas que lhes passam no âmbito social. Por outro lado, são vítimas deste sistema que as impede de ter acesso aos seus direitos.

Quando uma criança diz que a escola dos sonhos é “[...] uma escola particular, uma escola pra rico”. (VILL,2009, p.115), esta criança nos instiga a pensar no modelo de sociedade presente, o que nos remete a questão de como podemos desconsiderar o conhecimento que este sujeito infantil já tem construído dentro da ação pedagógica.

É importante ressaltar que as pesquisas foram feitas com crianças que moram em territórios empobrecidos, mas, a pobreza não se encontra somente nestes espaços urbano. Esta pesquisa buscou observar como cada pesquisadora observou os sujeitos envolvidos. Considerando que Florianópolis/SC tem grande parte de sua população morando nestes territórios empobrecidos . As discussões presentes nestas pesquisas foram importantes para

pensar a escola e as situações de não aprendizagem que vem afligindo os profissionais da educação em geral.

Uma reflexão que me surgiu, depois de ler as pesquisas, é que a estes dados poderiam ser acrescidos outras questões capazes de ampliar o nosso olhar frente às problemáticas relacionadas às expressões sociais perante aspectos raciais deste contexto, como foi citado por SPONCHIADO (2012,p.123) sobre uma população onde 80% são afrodescendentes. Assim como seria importante pensar o ouvir as crianças portadoras de deficiências; ou mesmo pensar em questões como o lugar que a escola ocupa frente às situações de pobreza, de carência, de falta da mediação do adulto. Não estou com isso dizendo que a escola resolverá todos os problemas sociais existentes, mas, refletindo se o ‘silêncio’ colabora no processo ensino-aprendizagem, se o ofício aluno está de acordo com a realidade de cada um, se a escola poderia usar recursos que permitissem as significações no processo de ensino e aprendizagem.

A criança que não dorme à noite, devido aos tiros na frente de sua casa, como estará no outro dia sentada ‘imóvel’ em uma classe de sala de aula? Ou como trouxe Wagner (2004) na fala da menina que relata não ter dormido por causa do frio, que não tem uma cama, dorme no chão sem cobertas. Como se faz uma prática pedagógica que considere estas informações?

As informações sobre a realidade da criança, sua história precisa ocupar um lugar permanente de discussão, de implicação na politização durante a formação docente no Curso de Pedagogia e nas licenciaturas como um todo.

Mas afinal, o que é o ouvir as crianças segundo minha perspectiva? Ésta é uma questão que preciso responder. Ouvir as crianças, partindo da minha história com o encontro desta formação que agora concluo, é um ato de considerar o que o outro tem a dizer, é uma percepção do outro, uma implicação, um olhar que dispensa mais tempo, mais respeito. Um ato de considerar o que o outro tem a me dizer, uma relação de afeto no sentido de afetar e deixar-se ser afetado.

Não tenho a pretensão de esgotar tais discussões, mas gostaria que não fossem esquecidas. Depois de tantas leituras e dos tantos estranhamentos que as falas das crianças me provocaram durante a leitura destas pesquisas, fica o desejo de que a luta mais acirrada no curso de pedagogia da UFSC, seja a luta pelos direitos das nossas crianças, inclusive pelo direito de serem ouvidas.

Para mim, esta reflexão que agora se encerra, não é fim de um percurso. É o desejo de um (re)começo!

REFERÊNCIAS

BARROS, MENDONÇA. A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil. In: HENRIQUEZ, Ricardo. *Desigualdade e Pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL.. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691219/paragrafo-2-artigo-32-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acesso em: 17 maio 2014.

CODES, Ana Luiza Machado. *A Trajetória do Pensamento Científico Sobre Pobreza: Em direção a uma visão complexa*. Texto para Discussão, no1332. IPEA: Brasília, 2008.

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. *A pobreza como um fenômeno multidimensional*. RAE-eletrônica, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2002.

DANTAS, Jéferson. **Formação docente em serviço e construção curricular nas escolas associadas à comissão de Educação do Fórum do Maciço do Morro da Cruz**. Revista Cadernos do Ceom n. 30. Unochapecó, 2009. <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/467>

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns tempos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*, p. 39-62. In: BRASÍLIA, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Coleção Educação para todos, 2005.

KOHAN, Walter Omar. Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.35, n. 3, p.125-138.

KRAMER, Sônia. O papel social da educação infantil. In: Revista textos do Brasil – Educação para um desenvolvimento humano no Brasil - número 7. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999.

Disponível em: <www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista.../revista7-mat8.pdf>

Acesso em: 28/06/2015

KUHLMANN JR, Moysés e FERNANDES, Rogério. Sentidos da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes, (Org.) A infância e sua educação – materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 19, jan./fev./mar./abril 2002.

MACHADO, Alzemi. **Memórias do Abrigo de Menores**. Florianópolis: Nova Letra, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org). O desafio da Pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.p. 9-29.

PATTO, Maria Helena Souza. (1999). A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PINTO, M. R. B. A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

QUINTEIRO, J. Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila B.F; PRADO, Patrícia D. (org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. São Paulo: Autores Associados, 2002.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Criança e educação: Caminhos da pesquisa. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (orgs). Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Portugal: Asa editores, 2004. p. 245-255.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: estudos temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005. 192 p.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância; Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; LAPLANE, Adriana Lia Frizman. de. **O trabalho em sala de aula**: teorias para quê?. Cadernos ESSE, Niterói, v. 1, n. 1, 1994, p. 79-82.

SPINELLI, Carolina Shimomura. AS METODOLOGIAS DE PESQUISA COM CRIANÇA NA ESCOLA: O “OUVIR” COMO UMA TENDÊNCIA....., Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/ SC, 2012.

SPONCHIADO, Justina. Da relação com a escola e seus saberes entre crianças (d)e famílias de “baixa renda” Um estudo a partir de uma instituição pública da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis/SC. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

TOMÁS, Elaine Dorighelo. ANTIGOS E NOVOS OLHARES SOBRE O MACIÇO DO MORRO DA CRUZ: DE NÃO TERRITÓRIO A TERRITÓRIO DO PAC FLORIANÓPOLIS. Tese de Doutorado. Florianópolis Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

VILL, Sônia. Ensaio do olhar: o sentido da infância a partir de fotografias produzidas por crianças. Dissertação de mestrado. Florianópolis; PPGE/UFSC, 2009. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009.

WAGNER, Flavia. “Apropriações” O saber infantil sobre o espaço urbano da ‘favela’ por meio do teatro. Dissertação de mestrado. Florianópolis; PPGE/UFSC, 2004. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2004.

WEFFORT, Madalena Freire. Planejamento: ação de planejar. Avaliação e planejamento: A prática educativa em questão, páginas 54 a 58 Instrumentos metodológicos 2. São Paulo, Espaço Pedagógico, 1997

APÊNDICES